

## 52- Musicoterapia Comunitária – uma proposta de reterritorialização sócio-cultural da população negra da periferia de Goiânia. Maria da Conceição de Matos Peixoto/GO<sup>1</sup> e Célia Maria F. da Silva Teixeira/GO.<sup>2</sup>

Conceição Matos\*

Célia Maria Ferreira da S. Teixeira\*\*

### RESUMO

O presente trabalho visa apresentar projeto de pesquisa de mestrado em música, em andamento. Tendo em vista os desafios que cercam a vivência comunitária nos dias atuais, será importante a apropriação de conceitos sócio-antropológicos da Identidade Cultural, Música e Comunidade. Parte-se do princípio que a população afro-brasileira em sua maioria é vítima da massificação do processo de desterritorialização existencial e de pseudo-identidades, que a torna nômade sem ancestrais, dificultando-lhe o reconhecimento da multiplicidade dos elementos sonoro-culturais, que alimentam a memória coletiva do brasileiro. A pesquisa aborda a necessidade da prática da Musicoterapia Comunitária frente aos desafios da pós-modernidade, considerando que todo sujeito para reterritorializar-se necessita de apoio da comunidade e do seu sistema simbólico para ser saudável. Investiga-se de que modo a Musicoterapia Comunitária contribui para a promoção da saúde coletiva e o fortalecimento de vínculos sócio-afetivos para prevenção à violência, à depressão, ao alcoolismo, à toxicod dependência e outros sofrimentos mentais. A Musicoterapia Comunitária, neste projeto, considera a rede de relações, a memória coletiva e a tradição oral ao qual crianças, jovens, homens, mulheres e idosos estão inseridos. A metodologia caracteriza-se como pesquisa participante, à medida que o pesquisador e os sujeitos da pesquisa – moradores da periferia de Goiânia - trabalham juntos na busca de explicações para os problemas colocados, possibilitando a implantação de projetos culturais e educacionais que promovam o protagonismo social e a cidadania.

Palavras-chaves: musicoterapia. Comunidade. territorialização

### INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a reflexão sobre a comunidade, sua realidade e o papel social da Musicoterapia neste contexto. Tendo em vista os desafios que cercam a vivência comunitária nos dias atuais, será importante discutir como estes desafios comprometem a saúde coletiva dos membros da comunidade.

<sup>1</sup> Graduada em Musicoterapia pela FAP (Paraná), Especializada em Psicopedagogia pela UFG (Goiás), cursando Mestrado na área de Concentração Musicoterapia, pela UFG.

Email: somdosafetos@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1530298630274462>

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília; Professora convidada da Universidade Federal de Goiás; Email: [celliaferreira@cultura.com.br](mailto:celliaferreira@cultura.com.br)

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4700378Z4>

## O DESENVOLVIMENTO DA MUSICOTERAPIA COMUNITÁRIA

As questões aqui discutidas baseiam-se em conceitos da socioantropologia e da teoria da complexidade.

Ainda em andamento, esta pesquisa procura investigar, pela observação participativa, as possibilidades de intervenção da musicoterapia na comunidade em um bairro da periferia de Goiânia com objetivos de despertar a competência das pessoas, resgatando e valorizando o saber produzido pela experiência de cada um. Acredita-se que as descobertas dos recursos individuais e comunitários tornam os membros de uma comunidade capazes de conduzir-se ao fortalecimento de vínculos sócio-afetivos como prevenção à violência, à depressão, ao alcoolismo, à toxicod dependência, e outros sofrimentos mentais. A questão proposta é ainda mais complexa quando a comunidade é vítima de migrações forçadas e vivencia a fragilidade de laços sociais, levando-as a viver em condições sócio-culturais vulneráveis em termos de autonomia e saúde mental. Tendo presente essa complexidade, observamos que o estudo da comunidade é muito mais desafiador do que se costuma pensar.

A comunidade para Nisbet (1978), significa algo que excede à mera comunidade local, abarcando todas as formas de relação caracterizada por um alto grau de intimidade pessoal, profundidade emocional, compromisso moral, coesão social e continuidade no tempo, características estas das organizações sociais anteriores às formas capitalistas de produção. (NISBET apud BAPTISTA, pg. 45). Este sociólogo, quando sistematiza o conceito de comunidade, insiste em afirmar que é na comunidade onde as pessoas encontram explicações para alguns aspectos profundos da individualidade, como a fé, a vontade e o impulso suicida.

No estudo sistemático das potencialidades de uma comunidade será preciso recorrer às idéias de Adalberto Barreto. Como psiquiatra e antropólogo ele iniciou no nordeste brasileiro a Terapia Comunitária e sobre isto ele dirá que "comunidade é um grupo de pessoas que vive, não deste ou daquele interesse em particular, mas de um complexo conjunto de interesses, de modo a viabilizar suas vidas, dando-lhes um significado de pertencimento e identificação" (BARRETO, 2008: 142). O que demonstra que a socioantropologia ao investigar as comunidades, reconhece que desamparo, medo, violência e insegurança da vida urbana fazem parte das sociedades desenvolvidas, levando à desterritorialização da população moradora na periferia - migrante ou descendente de migrantes do interior do estado, ou da região rural para a cidade - que por necessidade de sobrevivência, passa a procurar por outros arranjos sociais.

O resultado desse processo de desterritorialização é a anomia, que leva as pessoas à violência, à rebelião, ao desrespeito a normas sociais, ao uso abusivo do álcool e outras drogas à procura de estados de consciência alterados, por meio da música ou do êxtase religiosos.

Por sua vez Albuquerque (1999) argumenta que a presença da comunidade na sociedade representa um movimento de resistência ao discurso dominante e que ela deseja comunicar sua compreensão de sociedade e seus projetos de futuro. Nessa mesma direção reflexiva ela dirá:

*Observa-se também, em muitas partes do mundo, que as políticas públicas têm procurado no conceito de comunidade, a solução para muitos dos problemas sociais da modernidade. A área da saúde é um exemplo a partir do qual o resgate da comunidade tem mostrado força. (p. 52)*

Frente aos desafios da Pós- Modernidade, a Musicoterapia Comunitária se propõe a colocar a alteridade e a identidade como figuras centrais da vida em comunidade, recuperando o seu poder ético-simbólico de integração e de autonomia.

Os desafios que cercam a vivência comunitária, em termos de pós-modernidade, tal como apontou Bauman (2003), deslocam as estruturas tradicionais, assim como instala a desterritorialização das noções de tempo e espaço, modificando o processo pelo qual as relações sociais irão constituir a Identidade Cultural. (STUART, 2003). Para esses desafios, Chagas (2008) aponta o hibridismo como um caminho para a Musicoterapia, capaz de compreender a complexidade das novas questões existentes neste século.

A importância da musicoterapia comunitária, neste contexto, tem sido objeto de discussões entre os musicoterapeutas argentinos desde a década de 80 e acentuada no início do século, com o movimento pela Cultura da Paz (CALLADO, 2006).

A sistematização da Musicoterapia Comunitária começa na América Latina nos meados da década de 80, com o movimento de redemocratização, até que na Primeira Jornada de Musicoterapia, realizada em 2007 em Buenos Aires, a Comissão de Ação Comunitária, ligada a Associação Argentina de Musicoterapia, se propôs a investigar a sua práxis comunitária. Desde então, a musicoterapia comunitária vem se definindo como campo de atuação, destacada no XII Congresso Mundial de Musicoterapia, em julho de 2008.

A prática da musicoterapia comunitária constituiu-se na área ecológica, pela promoção à saúde coletiva e pelos esforços para formar, construir ou manter as comunidades através da musicoterapia. (BRUSCIA, 2000: 170). Ela se destaca pela produção artístico-cultural que focaliza as competências e potencialidades da família, da comunidade e do meio ambiente, com objetivo duplo, qual seja, preparar a pessoa para participar das funções comunitárias, tornando-se um membro valorizado da comunidade e preparar a comunidade para aceitar e acolher a pessoa com suas diferenças e necessidades. No dizer de Bruscia, a musicoterapia comunitária propõe-se a ser um instrumento de aquecimento e fortalecimento das relações humanas, criando-se dessa maneira vínculos positivos que ligam os homens entre si às suas crenças e aos seus valores (BRUSCIA, pg. 245).

Siccardi (2008), em artigo intitulado "Musicoterapia Comunitária: aspectos da prática", fala que não é qualquer agrupamento que deve ser chamado comunidade, mas que é necessário um marco simbólico, cultural, espiritual comum a todos (linguagem, tradição, crenças, buscas e desejos). Em seguida, a autora descreve os dez princípios da prática comunitária da musicoterapia. Dentre os seus objetivos, destaca-se a descoberta, o desenvolvimento e reconhecimento de padrões e/ou traços culturais da comunidade.

Acontece que o ser humano é o resultado do processo dinâmico do meio cultural em que foi socializado e que irá refletir em conhecimento, experiência adquirida, inovações

e invenções, resultantes do esforço de toda uma comunidade (GEERTZ, 1978).

Na Argentina, este campo de atuação desenvolve-se há alguns anos e sua sistematização permite reconhecer diferentes modos de intervenção comunitária. A diferença encontrada entre as linhas é o trabalho de participação ativa da comunidade na concepção, implementação e avaliação do projeto, juntamente com a equipe técnica.

No Brasil, tem-se conhecimento de algumas práticas isoladas, dentre elas o Projeto Buscando Caminhos, sob coordenação da professora Cecília Conde, com participação de estagiários do CBM, no Rio de Janeiro e o Projeto Obra Acústica na Favela do Rebouças, Zona Sul de São Paulo, sob a coordenação do musicoterapeuta André Pereira. Há também há vários musicoterapeutas europeus dedicados a este campo de atuação. (PAVLICEVIC, 2009)

Acredita-se, para essa investigação, que toda pessoa necessita de apoio da comunidade para reterritorializar-se e do seu sistema simbólico para ser saudável. Se a música é a linguagem utilizada predominantemente pela população das classes populares para exercer o direito político de expressão e se o processo de urbanização e industrialização segregou essa população para a periferia, com sua estrutura excludente, é possível, através da vivência comunitária da música a população de classes populares se organizar e ser capaz de protagonismo na construção de mudanças sociais.

A música é uma linguagem que possui uma centralidade no cotidiano do brasileiro, dando-lhe um sentido à existência, e que envolve geralmente a festividade, a corporeidade e a religiosidade. A música, entendida para além dos elementos estéticos, é no dizer do antropólogo Oliveira Pinto (2001)

*" uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade. Ao mesmo tempo é singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural" (pg. 223)*

Para falar em protagonismo na perspectiva de reterritorialização sócio-cultural, considera-se vital o espaço da ação do sujeito para a construção do saber da comunidade. Este espaço, carregado do saber comunitário, está vinculado à religiosidade, às festas populares, às danças e à musicalidade, cujo valor simbólico conduz à ativação da memória coletiva.

Nas rodas de musicoterapia, observa-se a possibilidade de construção e reconstrução social, porque estas pessoas conseguem integrar as esperanças, a vontade de acertar, a capacidade de resiliência. Dessa maneira, elas descobrem e redescobrem sua identidade social, cultural e história.

## CONCLUSÃO

A musicoterapia comunitária se propõe a ser um espaço de expressiva manifestação, por meio dos recursos sonoro-musicais, de resistência sócio-cultural,

simbolizando o resgate de um elo perdido com a prática comunitária deixada para trás, e que a sociedade moderna destruiu.

Para essa investigação considera-se que saúde é o produto da interação entre as pessoas e seus ambientes. Torna-se essencial para a promoção da saúde, a tarefa de promover vínculos e interação em uma comunidade. Acredita-se que a participação e organização de uma comunidade de saúde são processos e que estes processos são o objetivo final de transformação social. (ASAM, 2007).

Eliminando-se, portanto, as posturas reducionistas, psicologizantes e a-históricas sobre os processos psicossociais, tal como a Terapia Comunitária (BARRETOS, 2008), e a Psicologia Social Comunitária (CAMPOS, 2005), já se propuseram, a Musicoterapia Comunitária também assume "um compromisso político a favor da população e das suas formas e possibilidades de organização." (FREITAS in CAMPOS, 2005: 76). O musicoterapeuta decidido ao trabalho comunitário, antes de tudo, está fazendo uma opção política, porque a roda de musicoterapia comunitária é um espaço de participação, é onde o sujeito descobre o poder de decisão, inicialmente sobre sua própria vida, e daí para outros níveis do sistema: bairro, cidade, estado e país. Por meio da participação, as pessoas se apropriam dos recursos disponíveis, deixam a passividade, ou a agressividade para construir um projeto coletivo. Para iniciar o trabalho, é fundamental que o musicoterapeuta conheça a comunidade, com sua história, serviços disponíveis, problemas mais recorrentes, cultura popular.

#### REFERÊNCIA

- DEMKURA, M. et al. Inserciones de la musicoterapia en el ambito comunitario. Buenos Aires, ACAM, 2007. Disponível em <[http://www.musicoterapia.org.ar/docs/ASAM\\_musicoterapia\\_comunidad.pdf](http://www.musicoterapia.org.ar/docs/ASAM_musicoterapia_comunidad.pdf)> Acesso em 30 maio 2009.
- BARRETO, Adalberto de Paula. Terapia comunitária – passo a passo. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005. 407p.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade, a busca por segurança no mundo atual. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 2003. 141p.
- BRUSCIA, K. Definindo a musicoterapia. ENELIVROS. Rio de Janeiro, 2000. 309p.
- CALLADO, Carlos Velázquez. Educação para a paz – promovendo valores humanos na escola através da educação física e dos jogos cooperativos. Wak Editora, 2006, 171p.
- CAMPOS, Regina H.F. - Psicologia Social Comunitária - da Solidariedade a Autonomia, Petrópolis, RJ, Vozes, 1996. 179p.
- CHAGAS, Marly. Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade. Rio de Janeiro. Ed. Mauad X: Bapera, 2008. 78p.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, editores, 1978. 324p.
- OLIVEIRA PINTO, Tiago. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. Revista de Antropologia, vol. 44 no 1, SP, 2001, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n1/5345.pdf> Acesso em: 30 maio 2009.
- PAVLICEVIS, Mercedes; Ansdell, Gary; Ruud, Even. Community music therapy, Jessica

Kingsley Pub, 2004. 320p.

SICCARDI, Maria Gabriela – Musicoterapia Comunitária: 10 aspectos da prática, disponível em <<http://musicoterapiacomunitaria.blogspot.com/2008/05/10-aspectos-de-la-prctica.html>> Acesso em 28 maio 2009.

STUART, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2006. 102p.